

POSSIBILIDADES DA INTERFACE EDUCAÇÃO AMBIENTAL/EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UMA EXPERIÊNCIA NO CURSO A DISTÂNCIA DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

Rio de Janeiro (abril / 2010)

Prof. Dr. Vilson Sérgio de Carvalho

Instituto A Vez do Mestre – IAVM (www.avm.edu.br)

Categoria: Métodos e Tecnologias

Setor Educacional: Educação Universitária

Natureza: Relatório de Pesquisa

Classe: Investigação Científica

RESUMO:

O presente trabalho se propõe a analisar as possibilidades e potenciais da interface Educação Ambiental (EA) / Educação a Distância (EAD) tendo por base a experiência do autor como docente do curso de Graduação a Distância de Licenciatura em Pedagogia do Instituto A Vez do Mestre (IAVM). Com esse propósito, faz num primeiro momento uma revisão do contexto histórico que permitiu o surgimento e consolidação dos dois campos de estudo; mostra como ambos trouxeram mudanças significativas para a Educação e como estes se complementam e se reforçam. Num segundo momento, analisa algumas estratégias pedagógicas de Educação a Distância utilizadas na disciplina de

Educação e Meio Ambiente do Curso de Graduação a Distância de Licenciatura em Pedagogia reconhecendo o potencial destas nos processos de formação e conscientização ecológica dos futuros pedagogos.

palavras chave: *Educação a Distância, Educação Ambiental e Graduação a Distância em Pedagogia.*

Considerações históricas sobre a Interface EA/EAD:

A interface entre os campos de Educação a Distância (EAD) e de Educação Ambiental (EA) é bastante recente e ainda em fase de aperfeiçoamento. Contudo, esta vem sendo na primeira década desse novo século, cada vez mais fortalecida “constituindo novas redes culturais, re-significando compreensões de mundo e contribuindo com práticas horizontais na construção de saberes” (ZANINI et al., 2008).

Uma das primeiras vezes em que se tem notícia de que a EA e a EAD apareceram juntas foi em 2001 na tese de doutorado do prof. Antônio Guerra, quando este em sua relatou que os resultados de um trabalho de EA realizado parcialmente na modalidade EAD indicaram nitidamente mudanças nas representações sociais, conhecimentos, habilidades e competências e autonomias dos alunos que participaram do projeto, demonstrando assim a eficácia da interface EA/EAD. Todavia, mesmo reconhecendo o pioneirismo deste estudo é preciso salientar - ainda que mais restritamente voltadas para a disseminação de informação e facilidade de comunicação - que o uso das novas TICs já haviam se consolidado na área de EA, desde a segunda metade dos anos 90, onde podemos destacar o ano de 1997 com a realização da primeira Teleconferência de Educação Ambiental e o ano de 1999 quando se iniciaram as primeiras experiências de Redes ambientais, com destaque para a Rede Brasileira de Educação Ambiental - REBEA (LOUREIRO, 2004).

No primeiro semestre de 2000, Moran (2001) fez um levantamento da presença da EA na internet e em alguns CD-ROMs relatando que o número de sites e CDs sobre o tema, alguns mais informativos e de divulgação e outros de caráter mais didático-pedagógico, estava aumentando visivelmente. Através de

análise críticas desse material reconhecia que havia ainda um longo caminho a percorrer,mas que tal caminho se apresentava como promissor e fascinante.

Autores como Moran (2001) e Sato (2000) defendem que a interface EA/EAD deveria ser mais freqüente nos sistemas educativos na medida em esta traz elementos inovadores para tais sistemas através de um trabalho conjunto entre professores e alunos de forma interativa e aberta envolvendo o binômio presencial/virtual. Em outras palavras, parece ser um consenso que tal interface favorece a criação e recriação de proposições mais abertas e flexíveis de gerar conhecimento a partir das novas demandas e mutações contemporâneas nas relações que envolvem o acesso e produção de saberes, variações continuadas onde o saber-fluxo, o saber-transação de conhecimento em uma época onde as novas tecnologias da inteligência individual e coletiva estão modificando profundamente a forma como o aprende (LÉVY, 1995).

De um modo geral todos os estudiosos sobre o tema são unânimes em reconhecer que tanto a EA como a EAD trazem elementos inovadores para os sistemas educativos. A EA destacando a dimensão ambiental no contexto educativo (evidenciando a interdependência de diferentes integrantes do meio ambiente na manutenção da vida), incorporando a sustentabilidade como um projeto de vida dos educandos e despertando através desses sistemas a criticidade que se opõe a banalização em relação à crise ambiental que a humanidade vem atravessando. A EAD incentivando a descentralização do conhecimento, o conhecimento cooperativo, a autonomia discente e o uso de novas tecnologias nesses sistemas. Ou seja, ambas, a seu modo e tempo, abalaram e ainda abalam o modelo tradicional de ensino bancarista, reprodutor, autoritário e centralizador (SATO, 2000). Talvez por isso mesmo não seja incomum e até tenha sido tardio o surgimento e fortalecimento da interface EA/EAD hoje presente nos mais diferentes âmbitos de ensino desde cursos livres a cursos mais específicos dirigidos à graduação e pós-graduação no âmbito da EAD.

Contextos de Formação dos Campos de EA e EAD

Podemos dizer que as histórias dos campos de EA e EAD são recentes se consideramos os mesmos no seu estágio atual a partir de uma legislação, instrumentação e estratégias pedagógicas próprias. Contudo, se partirmos do fato de que toda EA é essencialmente Educação, apenas enfatizando a sua dimensão ambiental; e que a EAD nada mais é do que uma modalidade educativa que sempre existiu desde que ocorreu pela primeira vez a separação temporal entre professor e aluno, sendo a presença real do professor substituída por algum tipo de meio como desenhos explicativos em uma caverna ou cartas com orientações explicativas enviadas a alguém, é possível entender que tais campos são tão antigos quanto a própria educação.

A EA surge a partir de um conjunto de situações que configuram um determinado momento na história de homem onde a preocupação com a questão ambiental foi se tornando mais clara e essencial especialmente a partir da consolidação do capitalismo que aliado a um modelo de desenvolvimento economicista foi gerador de um profundo esgotamento de recursos, elevados índices de poluição, redução da biodiversidade e degradação ambiental até então nunca vistos (CARVALHO, 2006). A realização de diferentes conferências e encontros internacionais promovidos por variadas organizações internacionais como a ONU e a UNESCO aliadas ao desenvolvimento de um grande número de trabalhos desenvolvidos ONGs e OCIPs que reconheciam a força conscientizadora e transformadora da EA, contribuíram decisivamente para que esta fosse ganhando forma e se firmando como um elemento crítico e estratégico para o combate à crise ambiental no mundo (DIAS, 2008).

Em 1972 na famosa Conferência para o Ambiente Humano a EA foi apresentada como tendo a finalidade de: “formar uma população mundial consciente e preocupada com o meio ambiente e problemas a ele relacionados e que possua os conhecimentos, as capacidades, as atitudes, a motivação e o compromisso para colaborar individual e coletivamente na resolução de problemas atuais e prevenção de problemas futuros” (DIAS, 2008). O reconhecimento de tal necessidade se consolidou anos depois, quando em 1975, na Conferência Internacional organizada pela UNESCO em Belgrado, foi lançado o *Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA)*.

Com o tempo a EA foi se afirmando como um instrumento eficaz para a conscientização, defesa e formação ambiental (capacitação de pessoas para uma busca conjunta de resolução de problemas sócio-ambientais). No Brasil tal visão se consolida na CF de 1988 que reconhece o valor da EA e confere ao Poder Público o dever de promovê-la em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a prevenção do meio ambiente. Mais recentemente em 1999 com a criação da Política Nacional de EA (Lei 9975/99) a EA foi definida no artigo 1 como sendo os: “processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem do uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sustentabilidade” salientando no artigo 2 que ela é “um componente essencial e permanente da Educação Nacional, devendo estar presente de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo de caráter formal e não formal”.

Decorre desse princípio legal a compreensão de que a dimensão ambiental é uma parte integrante e inalienável da Educação simplesmente porque é impossível pensar o processo educativo sem considerar as questões ambientais. Como diria Freire (1977), não há educação fora das sociedades humanas, pois o homem é um ser de raízes espaço-temporais e tais raízes estão presentes de forma continuada nos processos educativos. Logo, não há como se pensar em desenvolvimento humano ou exercício consciente e ativo da cidadania, funções clássicas da educação presentes na LDB, se ignoramos que o homem não apenas depende do ambiente, mas dele é parte integrante.

A EAD por sua vez, ganhou força a partir do surgimento de um novo contexto político-cultural onde se fazia necessário preparar o aprendiz para o exercício de uma cidadania global calcada no desenvolvimento da autonomia capacidade de resolver problemas e no estímulo a uma criatividade pautada na flexibilidade, criticidade, mudança de valores. Isso só era possível através de visão da totalidade, integrada à formação de competências cognitivas e sociais da população visando a preparação do indivíduo para uma nova cidadania.

Especialmente com o desenvolvimento e inclusão das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) a serviço da Pedagogia, ocorreu, como

aponta Levy (2001) uma mutação contemporânea da relação com o saber marcada pelo devir dos sistemas de educação e a formação da cibercultura. Nesse novo contexto, fazia-se necessário educar o aluno para o exercício de uma cidadania global, o que significava formar seres capazes de conviverem, se comunicarem, dialogarem num mundo interativo e interdependente utilizando instrumentos da cultura de modo a que ele se reconheça simultaneamente como indivíduo e membro de uma cultura planetária.

Até então a EAD já existia há muito tempo. Contudo foi, a partir desse novo contexto, que se deu seu reconhecimento como forma de se ensinar e aprender com qualidade e eficiência. No Brasil a primeira regulamentação da EAD se deu a partir da Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional (LDB) em 1996, quatro anos depois da criação da primeira universidade aberta do Brasil: a Universidade Aberta de Brasília (Lei 403/92). Em 2005, ocorreu a sanção do Decreto 5622 que regulamentava o artigo 80 da LDB que caracteriza a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino aprendizagem ocorre com a utilização de meios e Tecnologias de Informação e Comunicação e o desenvolvimento de atividades educativas em lugares ou tempos diversos por estudantes e professores. A partir daí tornaram-se obrigatórios os momentos presenciais de avaliação, estágios, defesa de trabalhos e conclusão do curso.

É importante destacar que a EAD promoveu uma verdadeira revolução no processo de ensino-aprendizagem seja pelos diferentes tipos de estratégias inovadoras de ensino que estimulam e favorecem o aprendizado, seja pelo próprio questionamento dos métodos e processos utilizados na educação presencial. A descentralização e democratização saberes e fazeres sem precedentes na história humana, aliado ao surgimento de novos ambientes de trabalho cooperativos, criativos e inovadores a partir de uma nova relação temporal, sem dúvida serviram para ampliar e flexibilizar novas possibilidades de aprendizagem de forma dinâmica, rápida, ativa e democrática até então impensadas.

Segundo PRETI e SATO (1996) muitas experiências de EAD não alcançaram estes objetivos por não respeitar determinados princípios essenciais como: abertura, flexibilidade, adaptação, eficácia, formação

permanente e economia. Tudo isso deveria ser viabilizado através de uma sólida organização de apoio institucional e uma mediação pedagógica que pudessem viabilizar as condições necessárias a sua valorização dos mesmos a fim de garantir que enquanto prática educativa a EAD devesse considerar a realidade e comprometer-se com os processos de libertação do ser humano em direção a uma sociedade mais justa, solidária e igualitária (SATO, 2000), ideais não muito diversos do que pretende a EA.

A Experiência do Curso de Licenciatura em Pedagogia a Distância do IAVM:

O Instituto A Vez do Mestre (IAVM) atua na área de Pós-graduação Lato-sensu, desde junho de 1996, oferecendo a professores e profissionais liberais uma formação especializada viabilizada através de um ensino de qualidade atento às demandas do mercado e às transformações que o mundo globalizado vem sofrendo. Numa perspectiva inovadora, sintonizado com as novas tendências do contexto sócio-educacional, o então Projeto AVM lança em 2001 os primeiros cursos de Pós-graduação a distância, tendo como premissa a junção das idéias Educação de qualidade e baixo custo. Com mais de 5000 alunos certificados, a instituição já possui atualmente um nome firmando em todo o território brasileiro e não há dúvidas que a educação a distância agregou-se as práticas educativas desta instituição confirmando sua proposta político-pedagógica direcionada a democratização da formação continuada em nível superior no país.

Em 2005, através do parecer 3375, o então “Projeto” credenciou-se como uma Instituição de Ensino Superior passando a se denominar Instituto A Vez do Mestre (IAVM). Foi neste mesmo ano, se deu o lançamento do primeiro curso de graduação a distância de Licenciatura em PEDAGOGIA utilizando pela primeira vez um novo ambiente de aprendizagem. Até maio de 2010, quando este artigo estava sendo escrito existiam 40 turmas de tamanhos variados com um total de 270 alunos ativos, já tendo duas turmas de 30 alunos concluído o curso.

Além dos materiais impressos (cadernos de estudo) e das aulas presenciais o IAVM passou a contar com um AVA através do *Webensino* que

ampliava e criava novas condições de aprendizagem do conteúdo destes. O Webensino pode ser considerado um ambiente virtual de aprendizagem utilizado para uma melhor gestão dos processos pedagógicos e estímulo ao aprendizado cooperativo através de diferentes estratégias e ferramentas *on line* que facilitam o ensino e favorecem o aprendizado de forma dinâmica e interativa.

Organizado através de um sistema modular, o curso de Graduação de Licenciatura em Pedagogia tem a duração de três anos e visa habilitar profissionais para atuarem como professores da Educação Infantil, Ensino Fundamental (1º segmento), Ensino Médio e em cursos de Formação de professores. Além do já mencionado o Webensino, o curso conta ainda com outros instrumentos de aprendizagem como um módulo impresso - onde o aluno é convidado a conhecer sites, livros, filmes e ter acesso a várias dicas e curiosidades sobre a disciplina - um vídeo – onde o professor da disciplina se apresenta e apresenta sua disciplina ao aluno, além de trazer vários textos e dicas de estudo - e por fim dois encontros presenciais para cada disciplina.

A disciplina de Educação e Meio Ambiente integra o segundo período do curso e já foi ministrada cinco vezes. As estratégias pedagógicas utilizadas para sua viabilização contam além do Caderno de estudos e o CD (reunindo vídeos e textos para consulta), com os recursos viabilizados através do Webensino. Através destes foi possível promover fóruns sobre a temática da EA que instigaram os alunos com perguntas do tipo: “O que é Meio Ambiente para você?” Ou ainda “Como você vê a contribuição da EA na formação do professor?” que provocaram diálogos bastante ricos e significativos auxiliando no aprendizado e a realização de Chats que favoreceram a discussão de textos e filmes além de tirar dúvidas de conteúdo.

Merecem ainda destaque os espaços interativos do AVA que podiam ser alimentados também pelos alunos como a “musicoteca” reunindo mais 60 músicas que faziam referência a discussão ambiental; a “mapoteca” contendo diferentes mapas do RJ e das localidades de moradia dos alunos; “Biblioteca” onde os alunos postavam artigos e até mesmo *e-books* relativos aos temas estudados, “cantinho de fotos” onde eram postadas fotos dos encontros

presenciais dando destaque as atividades desenvolvidas e momentos significativos de aprendizagem.

Através desses espaços foi possível em diferentes momentos sugerir várias atividades que facilitaram o entendimento dos objetivos da EA e sua importância no âmbito da EA formal, não formal e informal. Em um período, por exemplo, os alunos foram convidados a fotografar ambientes considerados por eles como agradáveis e desagradáveis; no período seguinte a pesquisar e criar charges que denunciavam o descaso do homem para com o meio ambiente. Em outro período ainda, a buscar algum filme de temática ambiental e fazer uma análise deste no que se refere a mensagem principal e sua possível utilização no campo da educação formal. Todos esses materiais eram postados e disponibilizados no *webensino* de modo a favorecer a troca de idéias, a construção de novos conhecimentos e o aprendizado interativo entre professores, tutores e alunos.

A partir do trabalho realizado algumas conclusões foram possíveis:

- Se concordamos que toda educação é ambiental, uma vez que ambiental é uma dimensão da Educação e se concordamos que a Educação vem mudando com o advento das novas TICs parece óbvio que a E.A. também esteja mudando no sentido de acolher novas formas, métodos e instrumentos para formação de uma nova mentalidade ecológica. Não há mais como ignorar tal realidade e deixar de reconhecer o valor pedagógico de tais mudanças;

- Uma vez que o meio ambiente é um objeto de estudo híbrido, rico e complexo, as experiências com a disciplina na interface EA/EAD sugerem que a utilização uma modalidade de ensino também rica e complexa como a que se faz presente nas metodologias de EAD, com recursos didáticos variados, sistematicamente organizados de forma individual ou coletiva favorecem e aumentam significativamente a eficácia da própria EA em promover uma compreensão mais eficaz do que seja meio ambiente. Isso foi percebido nos depoimentos de muitos alunos que relataram mudanças significativas de como percebiam e agora percebem a riqueza e complexidade ambiental;

- Se considerarmos a gravidade crise ambiental, onde se faz necessário a imperiosa e urgente adoção de respostas de âmbito global rumo a construção de um novo projeto civilizatório que respeite e valorize a vida, a

interface EA/EAD através do compartilhamento de idéias, metodologias e projetos viabilizadas por diferentes ecossistemas de aprendizagem pode favorecer a construção de processos de formação de uma nova mentalidade ecológica mais rápida, dinâmica e democrática e, que parece ser mais eficiente do que os métodos convencionais de ensino para o enfrentamento da mesma;

Como palavra final é importante ressaltar que os estudos e pesquisas sobre a interface EA/EAD ainda são bastante incipientes, sendo necessário que estes sejam incrementados tanto do ponto de vista científico para enriquecimento da pesquisa na área, quando do ponto de vista legal de modo a favorecer o cumprimento da Lei 9795/99 que sugere o desenvolvimento de novas tecnologias e instrumentos de aprendizado.

Bibliografia:

CARVALHO, V. **Educação Ambiental e Desenvolvimento Comunitário**. RJ: WAK, 2ª. Ed., 2006.

DIAS, G. **Princípios e Práticas de E.A.** RJ: Gaia, 2004. 8ª Ed., 2008.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Col. Educação e Comunicação. Vol. 1. RJ: Paz e Terra, 1977. 21 ed.

GUERRA, A. **Diário de Bordo: Navegando em um ambiente de aprendizagem cooperativa para educação ambiental**. Tese de Doutorado. UFSC, Florianópolis, 2001. Disponível em: <[HTTP://www.reasul.org.br/mambo/files/tese_guerra.pdf](http://www.reasul.org.br/mambo/files/tese_guerra.pdf)> Acessado em: 01/04/2010

LEVY, P. **A Conexão Planetária. O Mercado, o Ciberespaço, a consciência**. SP: Editora 34, 2001.

LOUREIRO, C. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

MORAN, J. A Educação Ambiental na Internet. In: Trajber, R. e Costa, L. (orgs.) - **Avaliando a E. A. no Brasil**. Peirópolis: ECOAR, 2001.

SATO, M. e SANTOS, J. **A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora**. São Carlos: RIMA, 2006.

SATO, M. Educação Ambiental a distancia: o projeto EDAMAZ. In: PRETI, O. **Educação a distancia: construindo significados**. Cuiabá: NEAD, IE, UFMT; Brasília: Plano, 2000.

ZANINI, K. et al. **EA e EAD: Um diálogo relacionado à elaboração de projetos no Estado do Rio Grande do Sul/Brasil**. Disponível em: http://www.6iberoea.ambiente.gov.ar/files/trabajosentalleres/21/Zanini_y_otros.pdf. Acessado em: 14/04/2010.